

A trama fálica da insuficiência feminina e seus desdobramentos

The phallic plot of women's insufficiency and its developments

La trama fálica de la insuficiencia de las mujeres y sus desarrollos

Lindinaura Canosa

Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ/Brasil)

lindicanosa@terra.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-4647-8232>

RESUMO

O presente artigo discute as operações discursivas sobre o feminino e os efeitos dessas operações sobre a criação de conceitos e consequentemente sobre as subjetividades. Tomando como principal ancoragem os textos de Freud tentaremos demonstrar como sua produção teórica foi afetada pelos ideais iluministas, isto é, influenciada por este momento particular da história do conhecimento, onde se operam mudanças radicais na história dos homens e de suas relações sociais e econômicas. Tomando particularmente a invenção de um novo conceito de mulher, tendo a maternidade como o modelo princeps como um processo indenizatório pela insuficiência, vergonha e ressentimento. E tendo como operador o referencial fálico na maior parte de sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; Feminino; Vergonha; Falo; Feminilidade.

* Sobre a autora ver página 46.

Estudos da Língua(gem)	Vitória da Conquista	v. 19, n. 1	p. 37-46	julho de 2021
-------------------------------	----------------------	-------------	----------	---------------



ABSTRACT

We discuss the discursive operations on the feminine and the effects of these operations on the creation of concepts and consequently on subjectivities. Taking Freud's texts as the main anchor, we try to demonstrate how his theoretical production was affected by Enlightenment ideals, that is, influenced by this particular moment in the history of knowledge, where radical changes take place in the history of humanity and its social and economic relations. Taking the invention of a new concept of woman in particular, having motherhood as the princeps model as an indemnity process for insufficiency, shame and resentment. Having as operator the phallic reference in most of his work.

KEYWORDS: *Subjectivity; Feminine; Insufficiency; Shame; Phallus; Femininity.*

RESUMEN

Se discuten las operaciones discursivas sobre lo femenino y los efectos de estas operaciones sobre la creación de conceptos y consecuentemente sobre las subjetividades. Tomando los textos de Freud como eje principal, intentamos demostrar cómo su producción teórica se vio afectada por los ideales de la Ilustración, es decir, influenciada por este momento particular de la historia del conocimiento, donde se producen cambios radicales en la historia de la humanidad y sus aspectos sociales y relaciones económicas. Tomando la invención de un nuevo concepto de mujer en particular, teniendo la maternidad como modelo princeps como un proceso de indemnización por insuficiencia, vergüenza y resentimiento. Teniendo como operador la referencia fálica en la mayor parte de su obra.

PALABRAS-CLAVE: *Subjetividad; Femenino; Vergüenza; Falo; Femenidad.*

E à mulher disse: multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição: com dor terás filhos.

Gênesis, cap. III

Se uma mulher conceber e tiver um varão será imunda sete dias [...]. Depois ficará ela trinta e três dias no sangue da sua purificação. Mas se tiver uma fêmea, será imunda duas semanas. Depois ficará sessenta e seis dias no sangue da sua purificação.

Levítico, cap. XII

Laquer (2001) empreende uma interessante viagem através das operações discursivas sobre o sexo, o feminino e aponta Freud como um herdeiro das operações discursivas do Iluminismo. Laquer (2001) pontua que, até a Renascença, o modelo do sexo único era o que imperava. O masculino era este sexo único e a mulher, uma versão imperfeita. Segundo Galeano (século II d.C.), as mulheres eram essencialmente homens aos quais haveria faltado calor vital, isto é, o calor que culminaria na perfeição. O sexo perfeito seria, consequentemente, restrito ao homem. Da Antiguidade até a Renascença, o sexo

era verticalizado segundo um único eixo, o masculino. O feminino seria uma “má-formação” deste. No pensamento da Antiguidade há uma lógica hierárquica em que o imperfeito pode se aperfeiçoar, isto é, o feminino que seria o masculino insuficiente, porém sempre tendo em vista que a “perfeição” feminina nunca alcançaria o modelo, o ideal, que seria o masculino. O perfeito, que seria o masculino, jamais se tornaria um modelo imperfeito. O homem teria a dádiva da perfeição. Seria a corporificação de uma obra acabada.

Uma nova concepção de sexo surgiria no Iluminismo. O modelo dos dois sexos seria introduzido. Haveria então dois sexos: masculino e feminino. Passaria a existir uma oposição e não mais uma insuficiência no Iluminismo, sendo o homem o oposto da mulher.

Assim, a introdução de outro sexo, o feminino, é uma construção histórica que atenderia aos ideais igualitários. Os teóricos políticos do Iluminismo questionavam, ou melhor, argumentavam que não havia nenhuma justificativa para um tipo específico de autoridade, nem do rei para o súdito nem do senhor para o servo, nem do homem para a mulher. As pessoas seriam criaturas em que a anatomia não teria relevância política. No entanto, na prática o poder se manteria nas mãos dos homens. Os homens se tornariam chefes de família e de nação e seriam ainda eles que fariam o contrato social para este bem-estar comum.

Os ideais da Revolução Francesa, por exemplo, que são herdeiros do Iluminismo, pregavam igualdade, liberdade e fraternidade e não poderiam excluir radicalmente as mulheres, com o risco de se retornar ao modelo de sexo único da Renascença. Haveria um rearranjo. Não se estabeleceria mais uma superioridade do homem, mas haveria um novo discurso que se apoiaria não mais no preconceito, na desigualdade construída pelos contratos. O marcador da diferença passaria a ser a biologia. E tendo como base o discurso da distinção entre natureza e cultura, os papéis masculinos e femininos seriam definidos. A Revolução Francesa queria honrar seus ideais igualitários sem renunciar à hierarquia de poder. Tal estratégia conciliaria a noção de que as mulheres não são inferiores aos homens, e ao mesmo tempo não alteraria o lugar de poder da qual se beneficiava o masculino. A teoria da diferença sexual explicada a partir da biologia permitiria que não existisse o paradoxo de uma sociedade justa estabelecer um modelo de hierarquia dos sexos. A sociedade, os homens construíram leis justas, tão justas que respeita as características femininas tão próximas da natureza. Haveria uma justificativa para as diferenças dos sexos e a manutenção de papéis. O discurso sobre a mulher iria em direção à figura da maternidade, sua compleição física, seus quadris largos, seu ventre espaçoso. Assim, toda a representação anatômica era utilizada para forjar esta representação fundamental da mulher centrada em torno da maternidade. Essa “vocação” natural foi o que possibilitou a construção dessa figura no século XIX. A figura da sexualidade feminina colada ao ideário da maternidade. Esta especificidade tendo como consequências delimitar espaço e definir subjetividades: Uma subjetividade masculina e uma feminina. A feminina é afeita ao espaço privado, à educação da prole em oposição ao homem que se ocupa do espaço social, do governo, e do poder da família. A mulher então estaria mais próxima da natureza e o homem da cultura. O discurso da igualdade pregado pela Revolução Francesa era politicamente correto, partindo dos referenciais da natureza e cultura. O que

se poderia observar a partir dos ideais igualitários que os filósofos, os políticos e os intelectuais começavam a produzir neste discurso de igualdade, mas com a particularidade de que uns seriam menos iguais que outros, e no caso da mulher quem estabeleceria a diferença era a natureza. A sexualidade feminina é definida então como original e radicalmente oposta à dos homens, e disso decorreriam características especiais quanto a sua habilidade para os assuntos da vida pública. Há um lugar para a mulher contanto que fosse especificado e norteado pela natureza da mulher. A verdade da natureza é inexorável. É inequívoca. Não há contestação. Não há a intermediação das leis dos homens. As ideias da Revolução Francesa tomando a mulher com a característica emocional mais exacerbada vai naturalizar a mulher, pela justificativa deste “irremediável” da sua natureza.

Portanto, o lugar da mulher estaria restrito ao espaço privado à criação da prole, sendo a maternidade uma decorrência desta característica, sendo sua qualidade primordial. Por estas características, deveria se dedicar integralmente a esta tarefa, sendo o espaço público destinado somente aos homens por suas capacidades ligadas ao intelectual, ao cultural. Como consequência, por ser mais próxima da natureza, a mulher seria deficitária ou menos favorecida intelectualmente e com as capacidades afetivas mais desenvolvidas em relação aos homens.

A partir do que foi enunciado acima nos propomos a fazer um paralelo do discurso iluminista do qual Freud foi um herdeiro através de suas representações do feminino. Destacaremos o estatuto da mulher em alguns textos de Freud, privilegiando três aspectos: vergonha, maternidade e melancolia, partindo desta metáfora que ele estabelece entre mulher, *trançar, tecer* e encobrir a vergonha, que inspira nossa discussão e a trama que ela tece. Na Conferência XXXIII, Freud (1980 [1933]) utiliza esta metáfora, para falar da insuficiência da mulher e dos recursos que ela desenvolve para disfarçar essa insuficiência. E nomeia as mesmas:

A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua *inferioridade sexual original*. A vergonha, considerada uma característica feminina par excellence, contudo, mais do que se poderia supor, sendo uma questão de convenção, tem, assim acreditamos, como finalidade a ocultação da deficiência genital. Não nos estamos esquecendo de que, em época posterior, a vergonha assume outras funções. Parece que as mulheres fizeram poucas contribuições para as descobertas e invenções na história da civilização; no entanto, há uma técnica que podem ter inventado — trançar e tecer. Sendo assim, sentir-nos-íamos tentados a imaginar o motivo inconsciente de tal realização. A própria natureza parece ter proporcionado o modelo que essa realização imita, causando o crescimento, na maturidade, dos pelos pubianos que escondem os genitais. O passo que faltava dar era fazer os fios unirem-se uns aos outros, enquanto, no corpo, eles estão fixos à pele e só se emaranham”. (FREUD, 1980 [1933], p. 162. O grifo é do autor).

A ideia de vergonha na obra de Freud se apresenta como um ponto profícuo para o desenvolvimento do conceito de melancolia, e do lugar privilegiado que este conceito ocupa na perspectiva freudiana, por sua relação íntima com o feminino, um ser em permanente estado nostálgico. Freud demarca a vergonha como a expressão de algo fundamental na mulher, e a relaciona à sexualidade e à moralidade. Na Carta 102 (16 de janeiro de 1899) dirigida a Fliess, Freud (1980a [1899]) traça um engenhoso jogo de analogias sobre a anatomia feminina, que se assemelha ao jogo “ligue uma parte do corpo ao símbolo sexual correspondente”: Cabeça/ extremidade inferior do corpo (cabelos em ambas), bochechas/nádegas, lábios/ lábios da vergonha, boca/vagina, melancolia/impotência. A melancolia estaria ligada à fantasia de ter o hímen imperfurado, o que impediria a mulher de escolher um marido. Como veremos no trecho:

Algumas outras coisas de menor importância vieram à luz – por exemplo, que as dores de cabeça histéricas baseiam-se numa analogia, na fantasia, que iguala a parte superior com a extremidade inferior do corpo (cabelo em ambos os lugares – bochechas [*Backen*] e nádegas [*Hinterbacken* (literalmente, “bochechas de trás”) – lábios [*lippen*] e *labia* [*Schamlippen* (literalmente, “lábios da vergonha”)]) — boca = vagina, de forma que um ataque de enxaqueca pode ser utilizado para representar um defloramento forçado, embora, ao mesmo tempo, toda a indisposição também represente uma situação de realização de desejo. A ação determinante da sexualidade torna-se sempre mais clara. Em uma paciente (em que determinei exatamente a fantasia) havia constantes estados de desespero, com uma convicção melancólica de que ela não valia nada, era incapaz de fazer qualquer coisa etc. Sempre pensei que, no início de sua infância, ela houvesse testemunhado um estado análogo, uma melancolia verdadeira, em sua mãe. Isso concordava com a teoria anterior, mas dois anos não trouxeram nenhuma confirmação. E agora se verificou que, quando ela era uma adolescente de quatorze anos, descobriu que tinha *atresia hymenalis* [hímen imperfurado] e ficou desesperada, imaginando que não serviria para esposa: melancolia — isto é, temor da impotência. Outros estados, em que não consegue decidir-se quanto à escolha de um chapéu ou um vestido, originam-se de sua luta na época em que teve de escolher um marido (FREUD, 1950 [1887-1902], p. 373).

Na Conferência XXXIII, Freud (1980 [1933]) mais tardiamente ele retoma e mantém sua ideia da vergonha, conservando os mesmos pressupostos de seu caráter ser feminino por excelência, e da primazia do seu aparecimento nas mulheres em relação aos homens. Assim vai discorrer sobre as peculiaridades da feminilidade madura. Faz questão de ressaltar, porém, que, no que diz respeito às características mais afeitas ao feminino, não é fácil estabelecer a distinção entre as que dizem mais de sua função sexual e as que se referem às influências culturais, sugerindo que, para ele, o feminino se apresenta como um campo enigmático. Em seguida a este preâmbulo descreve as características que são mais ligadas ao feminino: maior quantidade de narcisismo, o que afetaria sua escolha objetual (ser amada, para uma mulher, é mais importante que amar), e a inveja do

pênis, que teria como consequência a maior vaidade da mulher, para compensar sua inferioridade sexual original. A vergonha teria como função, segundo ele, a ocultação da deficiência genital, e secundariamente pode ter levado as mulheres à invenção do trançar e do tecer. Freud se diz tentado a inferir que inconscientemente o tecer imita o emaranhado dos pelos pubianos da maturidade da mulher. A partir desta premissa freudiana de ser a vergonha feminina por excelência e dos mecanismos de que lançaria mão para encobrir a inferioridade genital original, surgirão vários desdobramentos pelos quais a mulher passará no seu longo e árduo processo de vir a ser, isto é, de se constituir mulher.

O investimento narcísico maciço das mulheres em seu corpo, seus adereços e a maternidade fariam parte desta constatação vergonhosa de ser castrada, de ser insuficiente, bem como de suas tentativas de dar conta dessa castração. Então o investimento narcísista do corpo feminino seria uma roupagem utilizada para o encobrimento da vergonha, e um filho seria a possibilidade de reparação de sua insuficiência. Esta ideia feminina, desenvolvida por Freud, se assemelha à ideia do homem mutilado, à insuficiência de calor vital, herança da cultura grega, que discutimos no início do texto. Embora mais tarde vá resgatar e conferir certa positividade ao feminino, grande parte de suas teorizações sobre o tema põe ênfase no fato de que a vaidade e a vergonha nas mulheres caminhariam juntas, com a finalidade de a primeira ocultar a segunda. Teríamos então como traços marcantes do feminino a vergonha, o ciúme, a inveja, o superego frágil, pouco senso de justiça e poucas contribuições para a história da civilização, assim como uma capacidade sublimatória limitada. No texto sobre a sexualidade feminina, Freud (1980 [1931]) insiste na afirmação de que a mulher reconhece sua castração, e conseqüentemente admite a superioridade masculina e sua própria inferioridade, revoltando-se contra esta situação desagradável.

Observamos que, na obra freudiana, a mulher, ou o feminino, serve como depositário para as dificuldades que o autor encontra no decorrer de suas teorizações ao retomarmos os passos empreendidos por Freud, no que diz respeito à construção da subjetividade feminina, prevalentemente nos textos de 1923 a 1931 que são: “A organização genital infantil” (1923), “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925), “Sexualidade feminina” (1931) e “A feminilidade” (1933). Freud se encontra mergulhado no propósito de decifrar o enigma da feminilidade e tenta dar conta de suas indagações a partir do referencial pênis/falo.

No texto de 1933, o autor assume a posição de que a psicanálise não tenta descrever o que é uma mulher, confessando que seria uma tarefa árdua de cumprir, mas se empenha em se indagar qual é o caminho que a menina, a partir de suas disposições bissexuais, irá tomar para atingir a feminilidade, a partir deste referencial pênis/falo. Uma mudança importante que aparece nesse trabalho é a queda da simetria estabelecida até então entre a estruturação do Édipo masculino e a do Édipo feminino. Se até então Freud reivindicava para o sexo feminino a mesma temporalidade edípica do sexo masculino, neste artigo ele formula duas temporalidades distintas: o Édipo feminino começa quando o Édipo masculino acaba. Se o menino sai do Édipo por uma injunção, por uma ameaça de castração,

a menina começaria o seu processo pela dor da castração e por uma tentativa de viver uma existência inapelavelmente castrada. Para a menina, as consequências desta constatação seriam um superego frágil, capacidade de sublimação precária, vergonha, ciúmes, inveja e narcisismo desmedido, como já apontamos anteriormente.

No Édipo feminino, encontraríamos uma transposição do legado afetivo, que no período pré-edípico era endereçado à figura materna, para a figura paterna. O pai é herdeiro desta relação com a mãe. Freud enfatiza esta primeira relação mãe/filha como um ponto de ancoragem para se entender como uma mulher se organiza subjetivamente. O rompimento desta vinculação mãe/filha é acompanhado de hostilidade, ódio e recriminações, como uma censura que remonta à época mais remota desta vinculação. Assumindo uma queixa de que não foi amamentada o suficiente, o que subjaz a esta censura é uma acusação de falta de amor que Freud analisa nos seguintes termos: “Mais parece que a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno” (FREUD, 1980 [1933], p. 151).

O temor de ser envenenada pela mãe teria uma ligação com o desmame: “veneno é comida que faz adoecer” (FREUD, 1980 [1933], p. 151). As crianças justificariam seu adoecimento por terem ingerido esse leite envenenado. Outra acusação pode se somar a esta com o nascimento de outra criança, que não se trata apenas de perder o seio materno, mas de o fato de um intruso e rival ser quem recebe os cuidados maternos. Entretanto, estas acusações são comuns a crianças de ambos os sexos. Nas meninas se adiciona a queixa, constantemente reiterada, que responsabiliza a mãe pela ausência de um pênis, e elas não a perdoam por esta desvantagem de serem destituídas de parte tão valorizada.

Freud apontará três destinos possíveis para a mulher diante do Édipo iniciado com a constatação de ter sido castrada desde sempre: o primeiro seria a inibição sexual, e a neurose um desdobramento desta; o segundo, a virilização como um levante contra a aceitação da castração; e o terceiro destino que é a maternidade. E a relação mãe/filha. Seria marcada por ressentimentos e manobras indenizatórias. Os efeitos do rompimento da primeira ligação da filha com a mãe marcariam a vida da mulher como um longo caminho para a elaboração desta perda, e três aspectos se destacariam como resíduos:

- 1) rebelião contra a mãe, por não a ter provido de um pênis;
- 2) rebelião contra o marido, objeto substituto do pai, e na cadeia substituto da mãe, que pode acontecer com o nascimento do primeiro filho: com sua transformação em mãe, a mulher revive uma identificação com sua mãe, reproduzindo o casamento infeliz dos pais;
- 3) casamento feliz, quando forem esgotadas as rebeliões, a mulher podendo ser mais bem-sucedida num segundo casamento.

Dos três destinos apontados por Freud, apenas um ele considera exitoso para a mulher, é o destino que leva à maternidade. Para uma mulher alcançar sua feminilidade inevitavelmente esta teria que estar ancorada na maternidade. Contudo, o destino exitoso de ser mulher é, além de ser mãe, ser mãe de um filho do sexo masculino. Seria a maior reparação para a mulher por ser castrada. A

maternidade para Freud ocupava um lugar central na assunção à feminilidade, uma apologia do amor materno, beirando o “natural”. O terceiro aspecto enunciado acima pode se amalgamar com esta saída considerada por Freud mais exitosa, explicada nos seguintes termos “Um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe” (FREUD, 1980 [1933], p. 164). Ele estabelece uma diferença importante no fato de a mulher ter um filho do sexo masculino, pela valorização infantil do mesmo, que não perdeu sua força. Enuncia isso da seguinte maneira: “A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino: este é, sem exceção, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos” (FREUD, 1980 [1933], p. 163).

O texto freudiano de 1937, “Análise terminável e interminável” (FREUD, 1980 [1937]), propõe o enunciado do conceito de feminilidade de forma negativa. Esta feminilidade foi chamada “o rochedo da castração”, mas também o originário do psiquismo. A recusa do feminino é o fundamento básico, comum aos dois sexos, recusa que está associada à bissexualidade, onde o operador fálico não tem lugar, só aparecendo a posteriori para cobrir o horror. Birman (1999), na leitura do texto freudiano, remete esta experiência de horror ao registro inaugural do psiquismo, registro este denominado por Freud de feminilidade e que, não estando referido a registro fálico algum, não caracteriza nem o feminino, nem o masculino.

Nesse texto de 1937, Freud promove uma mudança de inflexão no conceito de feminilidade, que já não estaria sendo regida pela referência fálica. Seria da ordem do desamparo original do sujeito. Não mais se sustenta a ideia de soberania de um sujeito sobre outro. Seria o campo de desilusão, no qual a diferença anatômica entre os sexos, entre ter ou não ter o pênis, não se sustenta como nenhuma qualificação especial. Ou seja, a diferença apontada até esta mudança conceitual, que estabeleceria superioridade, sustentada por suficiência/insuficiência ou ter ou não ter o falo, o que servia como um escudo protetor, cai por terra. Isto precipitaria o sujeito a este lugar de horror, que é o desamparo primordial de todos nós. Ele nos levaria a este lugar desvalido constitucional, insuficiente e dependente da adoção subjetiva por outro sujeito, também desamparado – a rede de interdependência, este campo de tensão permanente que vai acompanhar o sujeito até sua hora final.

Em “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud (1980 [1921]) prenuncia o que enuncia no texto de 1937, isto é, a necessidade imperiosa de um outro para o amparo e a constituição da subjetividade. Freud lança mão da metáfora do dilema dos porcos-espinhos¹ de Schopenhauer (1951), para ilustrar a necessidade e o campo de tensão dos encontros humanos.

No inverno gelado, os porcos-espinhos se juntaram para se aquecer e não morrer de frio. Mas logo sentiram os espinhos dos outros e tiveram de tomar distância. Quando a necessidade de se aquecerem os

¹ Parábola publicada originalmente em *Parerga e Paralipomena II*, de Schopenhauer (1951) e citada na íntegra por Freud (1921) em uma nota de rodapé, no texto *Psicologia das massas*.

fez voltarem a juntar-se, se repetiu aquele segundo mal, e assim se viram levados e trazidos entre ambas as desgraças, até que encontraram um distanciamento moderado que lhes permitia passar o melhor possível (SCHOPENHAUER, 2009 [1851], p. 665).

Nestes dois últimos textos citados, vemos um Freud assim como o de “O mal-estar na civilização” (1930), no qual ele aponta a fonte dos nossos sofrimentos: nosso próprio corpo, o mundo externo e nossos relacionamentos com os outros homens. Freud aponta a dimensão trágica da existência. O desamparo incontornável a partir do qual se organiza a longa jornada de subjetivação, na qual a dimensão da inteireza da lógica fálica se desmonta. Todos não temos. E neste campo falta, cada um se invente como for possível. Mas o que seria de nós sem a arte?

Mãe (2014), em seu livro “Desumanização”, nos leva através de sua escrita ao território errante. O território nômade. Propõe uma horizontalidade entre os humanos. Não há a ilha onde se possa repousar em tranquilidade com a alma apaziguada. A saída que se apresenta é a da fluidez. A ideia que se apresenta na escrita do autor é a de que o desumano se humaniza no jogo das relações que vai estabelecendo no longo e permanente caminho da subjetivação. Por ora, encerramos deixando as palavras do escritor como inspiração.

Num certo sentido, todos os homens começaram por ser uma mulher. A mulher grávida não difere do seu filho senão já tarde. E o filho apenas muito depois se apercebe de algum desajuste entre o seu corpo e o que o circunda. Num certo sentido, elas são verdadeiramente o único gênero que existe, porque os homens são mulheres que desempenham um papel específico que a estratégia das próprias mulheres inventou. Os homens são mulheres funcionalizadas, instrumentalizadas para um objetivo muito claro que apenas elas podiam traçar (MÃE, 2014, p. 64).

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas** 24 vol. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]): Carta 102. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 01 (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1980. Trabalho original: 1899.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 89-179. Trabalho original: 1921.

FREUD, S. A organização genital infantil. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 325-342. Trabalho original: 1923.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 189-199. Trabalho original: 1924.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 273-286. Trabalho original: 1925.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 75-174. Trabalho original: 1930.

FREUD, S. Sexualidade Feminina. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 233-254. Trabalho original: 1931.

FREUD, S. Feminilidade. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXII (1932-1936). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 113-134. Trabalho original: 1933.

FREUD, S. Análise Terminável e Interminável. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXIII (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 225-270. Trabalho original: 1937.

LAQUER, T. **Corpo e Gêneros** – dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MÃE, V. H. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SCHOPENHAUER, A. **Parerga e paralipomena**. Porto Alegre: Zouk, 2009. Trabalho original: 1851.

Recebido em 31 de março de 2021.

Aceito em 25 de maio de 2021.

Publicado em 22 de julho de 2021.

SOBRE A AUTORA

Lindinaura Canosa é mestre em teoria psicanalítica pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica – UFRJ. É membro psicanalista e supervisora da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.

E-mail: mailto:lindicanosa@terra.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4647-8232>